

A CLASSE OPERÁRIA TEM DOIS SEXOS

A literatura existente costuma falar de operários ou de classe operária sem fazer nenhuma referência ao sexo dos atores sociais. E como se o lugar na produção fosse um elemento unificador de tal ordem que fazer parte da classe operária já remeteria a uma série de comportamentos e de atitudes relativamente unívocos. É verdade que essa tendência de apresentar uma imagem da classe operária relativamente homogênea — cujos únicos elementos distintivos seriam o emprego e o desemprego, o lugar na produção e a qualificação — não ignora apenas a categoria sexo. Mas variáveis como nacionalidade, idade etc. mesmo se sua qualidade heurística não é muito reconhecida, já há muito tempo recebem tratamento sociológico. Sobre a variável sexo, não há praticamente nada.¹

E esse silêncio que vamos tentar quebrar, reafirmando que o conceito de classes sociais foi reinterpelado pelo feminismo — em particular pelas pesquisas sobre as relações sociais de sexo e sobre o gênero. E mais, o conceito de classes sociais — ou melhor, a utilização que dele foi e é feita — não permite captar o lugar da mulher na produção e na reprodução sociais. Relações de classe e relações de sexo são, de fato, coextensivas (isto é, elas se superpoem em parte), tanto para as mulheres como para os homens, só podem ser analisadas conjuntamente.

Classe e gênero²

A conceitualização marxista de classes sociais foi, nos anos 70, criticada pela primeira vez do ponto de vista do gênero. Foi em particular Christine Delphy³ quem mostrou como o pertencimento de classe para a

¹ Cf. KERGOAT, Daniele. *Ouvriers ouvrières? Critiques de l'Économie Politique* 1978, n.º 5. Cf. também do ponto de vista estatístico VOLKOFF, Serge e MOLINIE, Anne-Françoise. *Les Conditions de Travail des Ouvriers et des Ouvrières*. *Economie et Statistique*, n.º 118, 1980.

² Adotamos aqui, para comodidade de redação, o termo gênero, que não costumamos utilizar. Sobre essas questões, cf. KERGOAT, D. *A Propos des Rapports Sociaux de Sexe*. *Revue M*, n.º sobre *Le féminisme à l'heure des choix*, 1992, n.º 53-54.

³ DELPHY, C. *Les Femmes dans les Études de Stratification*. In MICHEL, Andrée (org.), *Femmes, Sexisme et Société*. Paris: PUF, 1977.

⁴MATHIEU N C *L Anatomie Politique. Categorisations et Ideologies du Sexe* Paris Cote femmes 1992

⁵GUILLAUMIN C *Sexe Race et Pratique du Pouvoir L Idee de Nature* Paris Cote femmes 1992

mulher e construído a partir de um referencial exclusivo o homem (marido pai) sem que sejam levadas em consideração as atividades da própria mulher. Mais indiretamente foi Nicole Claude Mathieu quem se referiu a categorias de sexo ⁴ ou Colette Guillaumin quem propôs o conceito de "sexagem" ⁵.

Retomaremos essas teorizações, mas seu impacto está no fato de, na tradição acadêmica, inclusive nas análises marxistas, as classes sociais sempre terem sido tratadas como se o gênero não implicasse nenhuma heterogeneidade em sua composição, em seus comportamentos e práticas. Quando o problema era abordado, isso era feito em termos biologizantes: as mulheres e imediatamente a cultura cedia lugar a natureza, o raciocínio político ou sociológico aos estereótipos.

Ora, por um lado, todos os indivíduos são homens ou mulheres e, por outro, todos têm uma situação de classe a ser determinada (origem de classe, inserção atual). As relações de classe e as relações de sexo são, portanto, relações estruturantes e fundamentais da sociedade, em oposição a outras relações (professor/aluno, médico/paciente, jovens/velhos) que são relações contingentes. Entretanto, o conceito de gênero (ou de sexo social) e de origem, bem mais recente que o de classe social. As mulheres em *O Capital* não têm existência como sexo social, mas fazem parte, com outras categorias sociais, do exército de reserva industrial. A construção do conceito de gênero data dos anos 70 e os antropólogos e sociólogos que estudaram essa noção fizeram-no no quadro histórico do movimento das mulheres. As reivindicações desse movimento atestavam a que ponto a exploração, conceito-chave do marxismo e base da relação antagonista entre as classes, era fundamentalmente insuficiente para mostrar a opressão sofrida pela mulher quanto às relações homem/mulher no seio da sociedade.

Mesmo assim, e em referência (ou em oposição) ao marxismo, que os novos conceitos de modo de produção doméstica, de categoria de sexo ou de "sexagem" foram elaborados. E essa, sem dúvida, uma das diferenciações mais fortes entre o feminismo francês e o feminismo anglo-saxão, em particular o americano.

Esses trabalhos tiveram importantes consequências sobre a maneira de conceitualizar toda uma série de noções. A começar pela de classes sociais, foi preciso primeiro tornar visível a construção histórica, cultural do sexo social (ou gênero) contra o naturalismo e o fatalismo que impregnaram a representação da mulher como inferior, subordinada por razões de ordem biológica e

⁶Cf GUILLAUMIN C. op cit

clara a analogia com a naturalização das raças dominadas a partir de diferenças biológicas⁶

A classe operaria tem dois sexos esta afirmação não contraria apenas a utilização corrente do masculino nos textos sobre a classe operaria que falam de trabalhadores quando estão se referindo a trabalhadoras! Trata se tambem de afirmar que as praticas a consciencia as representações as condições de trabalho e de desemprego dos trabalhadores e das trabalhadoras são quase sempre assimétricas e que raciocinar em termos de unidade da classe operaria sem considerar o sexo social leva a um conhecimento truncado - ou pior falso - do que e uma classe social

Se consideramos errado tal procedimento nem por isso achamos que o patriarcado seja a estrutura essencial da sociedade nem que as relações sociais de sexo ou a sexagem sejam as relações predominantes em nossas sociedades. Os trabalhos que o afirmam esbarram numa dificuldade proclamar a primazia ou a simultaneidade do sistema patriarcal em relação a organização social no seu conjunto não basta para mostrar como esse sistema afeta os outros sistemas como se articula com eles. Como por exemplo articular o modo de produção domestico com o modo de produção capitalista a sexagem com as relações de classe?⁷

Nossa posição e diferente. Não apenas acreditamos na existencia das classes sociais mas repetimos as duas relações sociais de classe e de sexo se superpõem. Convem destacar o aspecto subversivo dessa proposição com referencia ao mito da unidade (politica) da classe operaria de sua solidariedade organica e de sua integração social. Ora o movimento operario sempre funcionou segundo a hipótese de que a unidade politica da classe trabalhadora poderia ser alcançada apesar dos conflitos e dos antagonismos de sexo. Resolver primeiro as desigualdades de classe pondo fim a exploração na luta pelo socialismo e resolver depois num segundo tempo os problemas de opressão ligados ao sexo foi essa a tradicional resposta no movimento operario internacional as reivindicações formuladas pelo movimento feminista

⁷Ver tambem o artigo de Eric Olin Wright. Em resposta as criticas das pesquisadoras feministas (C. Delphy, J. Acker etc.) sobre a tese de pertencimento de classe de uma mulher casada a partir da classe de seu marido. Wright constrói o conceito de relações de classe mediatizadas (pelas relações de genero) em oposição as relações diretas de classe. Essa tentativa parece nos estar ainda ligada a uma abordagem em termos de justaposição e não em termos de imbricação. Cf. WRIGHT E. Olin. *Women in the Class Structure. Politics and Society* 17 nº 1 1989

Relações de classe e relações sociais de sexo sua articulação

Dizer que a classe operaria tem dois sexos significa em suma que as relações de classe são sexuadas. Por isso e necessário conceitualizar a noção de classe operaria sexuada com sua proposição reciproca as

⁸Em referencia ao ponto de vista do proletariado de Gramsci

relações de sexo são atravessadas por pontos de vista de classe⁸ elas são classistas

As relações sociais de sexo são transversais para toda a sociedade dinamizam todos os campos do social. A dinamização de uma esfera (classes sociais produção) não pode deixar de ter efeito sobre a dinâmica de outra. Tal afirmação redundante em denunciar o postulado (quase sempre implícito) segundo o qual essa relação social só se exerce em determinado lugar. Na realidade, relações de classe e de sexo organizam a totalidade das práticas sociais em qualquer lugar que se exerçam. Em outras palavras não é só em casa que se é oprimida nem só na fábrica que se é explorado(a)!⁹

As relações de classe devem pois ser analisadas como inculcando conteúdos e orientações concretas nas relações de sexo e inversamente as relações de sexo devem ser analisadas como fornecendo conteúdos específicos as outras relações sociais.

Afirmar que relações de opressão e relações de exploração além de se articularem formam uma teia não resolve todos os problemas. Porque as diferentes modalidades de articulação sua própria natureza dependem do tipo de sociedade do grau de industrialização do nível de desenvolvimento econômico e social etc. Por sua vez os lugares nas relações de classe e de sexo são determinantes para as práticas e para as lutas. Na primeira metade da década de 70 período de fortalecimento das lutas a tendência era pensar que se o grau de combatividade feminista crescesse o da classe também cresceria. Ora essas relações mecanicistas não suportaram a prova dos fatos não há correspondência entre os dois mas sim coabitação por vezes difícil. Pois como lutar simultaneamente como mulher negra proletária?⁹ De fato segundo os lugares e momentos da vida segundo as oportunidades políticas luta-se primeiro como mulher ou como negra ou como proletária.

⁹A esse respeito embora tratado de modo indireto cf DAVIS Angela Reflexions sur l'Heritage de Malcolm X Politis La Revue n° 3 1993

Enfim consideramos que os atores individuais e coletivos são ao mesmo tempo produtos e produtores das relações sociais. No estudo desse duplo movimento as duas relações sociais de sexo e de classe devem estar integradas por causa de sua indissociabilidade e complementaridade. As relações sociais formam uma teia há separação e entrelaçamento contradição e coerência entre essas relações. Ambas são transversais ao conjunto da sociedade.

Mas a atual conjuntura de recessão e as mudanças maiores no mercado de trabalho e de emprego provocam interferências nesta abordagem já de si bastante complexa. Convém portanto examinar a evolução das modalidades de articulação classes

sociais/genero tanto em países semi industrializados como o Brasil quanto na França

Outras articulações classe/sexo nos países em via de industrialização

Quando se olha o quadro dos países chamados subdesenvolvidos ou semi industrializados uma primeira constatação é que as classes e as categorias sociais são bem menos estruturadas e suas separações menos nítidas (embora haja fortes antagonismos sociais e nítidas distâncias entre dominantes e dominados) há maior fluidez entre reprodução e produção o nível de salarização é mais fraco as passagens do setor formal para o informal e do informal para o formal são frequentes e amplas se comparados com a Europa Em toda a América Latina há crescimento e até generalização da economia informal

Nesse contexto a relação entre classe e sexo não se apresenta mais da mesma maneira as trajetórias sociais e profissionais dos trabalhadores e trabalhadoras não mostram diferenciações nítidas quanto ao seu pertencimento de classe fato que foi verificado em relação as mulheres na França passagem do terciário ao secundário do secundário a inatividade atravessando a fase dos pequenos empregos dos períodos de desemprego etc ¹⁰ e que se constata também para os homens no Brasil No que se refere as diferenças inter sociais da articulação classe sexo pode se dizer que a caracterização de um indivíduo como operário pressupondo o pertencimento ideal desse indivíduo a uma esfera de atividade organizada e estruturada de modo durável (a empresa) seria rapidamente questionada no Brasil não apenas para os indivíduos mulheres cuja atividade é fundamentalmente descontínua mas também para os indivíduos homens

Uma pesquisa sobre a crise econômica e a divisão sexual do trabalho efetuada no Brasil em 1986 que estudou as trajetórias sociais e profissionais de 140 operários homens e mulheres após serem demitidos mostrou que a grande heterogeneidade das atividades que eles(as) exerceram no período de recessão tornava muito difícil determinar seu pertencimento de classe era enorme a flexibilidade das trajetórias indo do trabalho como empregada doméstica ou operário de construção como vendedora garçonete caixa zeladora de prédio até trabalhadora autônoma (desde a venda de comida na rua até a propriedade de um pequeno bar ou pequena oficina) além do trabalho provisório industrial (trabalho temporário com contrato fixo de três meses)

¹⁰ Cf KERGOAT D
Les Ouvrières Paris Le
Sycomore 1982 sobre as
trajetórias no Brasil cf
HIRATA Helena &
HUMPHREY John *Crise
Economique et Trajectoires
Professionnelles* In PINTON
F & LECARME M (org
científicos) *Relations de
Genre et Developpement
Femmes et Societes* Paris
Orstom 1992 (col sob a
direção de J Bisilliat)

Tudo isso entrecortado por períodos de desemprego de desemprego disfarçado (quase obrigatório na medida em que o Estado só oferece seguro desemprego a uma pequena porção de desempregados) de inatividade mais ou menos prolongada para as mulheres

A despeito de uma identificação subjetiva com o proletariado industrial as operárias e operários entre vistados foram obrigados a se afastar desse setor e procurar empregos no industriais trabalhos remunerados fora do setor formal e enfim no caso das mulheres consideradas não qualificadas o retorno ao lar e as tarefas domésticas ao cuidado das crianças pequenas

Esse aumento da importância da economia doméstica e da economia informal tanto reforça o peso da esfera da reprodução produção mercantil como faz com que nas lutas sua dimensão se amplie A relação ao assalariamento se articula em condições objetivamente diferentes Existem relações de classe e de consciência de classe mas umas e outras estão embaralhadas com referência aos ideais típicos do marxismo clássico

Classe e gênero divergem e convergem

No que se refere a consciência de gênero a consciência coletiva a dos jovens em particular - considera como aquisição irreversível o que as feministas sabem que não passa de aquisições historicamente contingentes Isso acarreta uma recusa ideológica do feminismo como movimento coletivo e uma ideologia e práticas marcadas por certo sentimento de igualdade com os homens Mas exatamente acha-se que a igualdade não é perfeita mas é possível sem maiores indagações sobre a natureza dessa igualdade ¹¹

Ao mesmo tempo o fim da década de 80 viu pela primeira vez movimentos sociais maciços serem realizados e até dirigidos por mulheres foi o movimento das enfermeiras e sua coordenação foi a greve dos impostos foi o movimento das assistentes sociais Esses movimentos questionam as noções de classe social e de consciência de classe ambas aliás objetivamente indissociáveis do sexo social dos atores em questão

De fato há confusão das categorias de pensamento anteriores mas não desaparecimento das classes sociais¹² ou da consciência de classe O que é certo é que a consciência de classe não pode mais ser deduzida mecanicamente se alguma vez o foi - do lugar na produção

Homens e mulheres se situam de modo diferente em relação a esse efeito de embaralhamento Foi assim

¹¹ É o que sem dúvida explica o sucesso da noção de paridade com a qual não concordamos Mas isso seria assunto para outro artigo

¹² De fato não achamos que a classe operária corresponda a soma dos(as) operários(as) de produção Convm todavia notar que a categoria operários continua numericamente em 1990 a mais importante para os homens (Fonte *Donnees Sociales* 1993)

¹³ A solução terceiro filho refere-se a mulheres desempregadas com uma série de demissões e que após um período depressivo mais ou menos explícito engravidam pela terceira vez. As observações de Chantal Nicole Drancourt confirmam esse fato (cf. L'Idée de Precarité Revisitee *Travail et Emploi* n.º 52 2/92 p. 57-70).

¹⁴ Como escreve Madeleine Reberrioux: "Pode-se temer não apenas as consequências do desemprego prolongado sobre a consciência que um indivíduo pode ter de seus direitos, mas também o perigo de uma assistência generalizada sobre o espírito de responsabilidade sobre a vontade de agir que são elementos constitutivos da cidadania." () Trata-se primeiro de por em evidência a privação geral de cidadania a qual a crise do trabalho condena milhões de homens e de mulheres. (A Cidadania Social *Le Monde* 23/04/1993 p. 29).

¹⁵ Cf. sobre o assunto os trabalhos de Michele Riot Sarcely em particular *Parcours de Femmes d'ans l'Apprentissage de la Démocratie* Paris Albin Michel 1993.

¹⁶ *Extraneité* no original francês. No dicionário Petit Robert *extraneité* designa a situação jurídica de um estrangeiro em determinado país.

¹⁷ Cf. KERGOAT D. *L'Infirmière Coordonnee Futur Antérieur* n.º 6 1991.

que podemos observar o que chamamos a solução do terceiro filho para as operárias em desemprego prolongado hipótese corroborada por trabalhos posteriores.¹³ Tais soluções ligadas ao universo reprodutivo não existem entretanto para os homens em desemprego prolongado embora muitas vezes sua reinserção não seja possível apenas através do trabalho. Isso para eles é aliás sinônimo de fracasso e o desemprego prolongado provoca ao menos potencialmente uma privação de cidadania.¹⁴ Fato muito importante visto a cidadania ter-se construído historicamente para a classe operária sobre e a partir da consciência de classe.¹⁵

A crise move as peças no tabuleiro da consciência de classe: jovens e velhos se afastam, mas também se aproximam; homens e mulheres se afastam, cada vez mais atualmente em quatro sub-empregados, três são mulheres, em cinco operários, quatro são homens. Logo a segregação aumentou ao mesmo tempo que as modalidades sexuadas da relação salarial tendem a se aproximar. A consciência dos homens tende a se aproximar da das mulheres. Os operários, assim como há muito tempo as operárias, tornaram-se de certa forma estranhos a seu próprio trabalho: uns por decepção, outros por precariedade. A tal ponto que cabe perguntar se não se pode utilizar o termo **estrangeirice**.¹⁶ conceito forjado para a mulher operária.

Ja as mulheres inserem-se cada vez mais na relação salarial, o salário complementar não existe mais. Um testemunho direto realizou-se durante vários dias um estágio de formação Hacuifex para operárias recém-sindicalizadas: nem uma vez foi evocada a noção de salário complementar. A entrada da mulher no conjunto dos assalariados e cada vez mais nítida: a **estrangeirice** das operárias ainda está presente, mas elas fazem questão do emprego: as lutas das enfermeiras, das assistentes sociais, que estão no amago do novo assalariado qualificado (o qual a nosso ver tem seu lugar pleno e inteiro na classe operária, mesmo se e não diretamente produtivo) e ainda outro exemplo: Esta combatividade é tão mais importante porque quase sempre se firmou (cf. as enfermeiras) ao lado dos sindicatos tradicionais. Estes continuam a tratar as mulheres como mães esposas ou como trabalhadoras superexploradas. Ora, as duas imagens não correspondem à visão que essas mulheres têm de si mesmas.

O fato de não ser mais o mineiro nem o metalúrgico, mas sim a normalista, a assistente social, os(as) técnicos(as), as figuras centrais¹⁷ do novo contingente de assalariados causa problemas para a consciência de classe.

¹⁸ Cf BOURDIEU Pierre (org)
La Misere du Monde Paris
Seuil 1993

E verdade que esses novos movimentos sociais mostram mais a radicalização do confronto com o Estado patrão e a recusa de um sistema que não deixa o individuo usuario ser bem atendido (ou bem tratado) nem o individuo trabalhador fazer direito o seu trabalho¹⁸ do que uma afirmação consciente de pertencimento de classe. Mas esses exemplos induzem a pensar que o fato tem semelhanças com o que acontece no setor privado como por exemplo a reivindicação difusa quanto a gestão da empresa não tanto no nível financeiro mas sim no do controle do trabalho reivindicação que surge em varios lugares. Enfim a explicação da ausencia de luta nas empresas não nos parece tao ligada ao individualismo exacerbado mas sim a dificuldade de desligar se que a pessoa tem por saber que seu emprego esta sempre em risco a falta de unidade sindical e a desagregação do movimento operario.

¹⁹ BADINTER Elisabeth *L'Un est l'Autre Des Relations entre Hommes et Femmes* Paris Odile Jacob 1986

Embora as modalidades da consciencia de classe continuem diversas para o homem e para a mulher quando menos nao seja por causa dos lugares e dos movimentos na estrutura produtiva formulamos a hipotese segundo a qual sob o efeito de emabaralhamento as praticas de classe de homens e mulheres tendem a se aproximar muito mais alias apesar do que pensam algumas¹⁹ do que as praticas de genero. Mas talvez seja necessario para entender as recomposições em curso na categoria dos assalariados ter assimilado muito bem a premissa a classe operaria tem dois sexos.

TRADUÇÃO DE ESTELA DOS SANTOS ABREU